



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 7 DE MAIO DE 2002.**

*Senador Ramez Tebet, Presidente do Senado; Deputado Aécio Neves, Presidente da Câmara; Ministro Marco Aurélio de Mello, Presidente do Supremo Tribunal Federal; Senhores agraciados com a Ordem do Mérito das Comunicações; Ministros de Estado aqui presentes; Parlamentares; Senhoras e Senhores,*

É com muita satisfação que participo desta cerimônia de entrega da Ordem do Mérito das Comunicações a pessoas que prestaram serviços ao desenvolvimento desse setor no Brasil.

As comunicações são o segmento em que se deu a maior revolução tecnológica de nossa época.

Ainda ontem, fiz uma exposição na sede do BNDES, no Rio de Janeiro, sobre o tema da economia do conhecimento, que representa hoje um dos maiores desafios para o Brasil. E nós enfrentamos esse desafio com a consciência do que significa o novo paradigma econômico de nossos dias, centrado na informação e no conhecimento.

Parece incrível que, até 1980, as conversas telefônicas viajavam apenas por fios de cobre, a uma velocidade equivalente a uma página de

informação por segundo. Hoje, uma fibra ótica, mais fina que um fio de cabelo humano, pode transmitir, em apenas um segundo, o equivalente a 90 mil volumes de uma enciclopédia.

Há dez anos, ninguém poderia prever que mais de 500 milhões de pessoas estariam conectadas à Internet. Na comparação com as demais tecnologias, o crescimento da Internet é impressionante. Para alcançar 50 milhões de usuários, o rádio precisou de 38 anos; a TV, de 13 anos; o computador pessoal levou 16 anos, enquanto a Internet levou apenas quatro anos.

Já em 1994, no meu programa de Governo chamado Mão à obra, Brasil, reconhecia-se que o atraso relativo do nosso país no setor de telecomunicações deveria ser superado como condição para a retomada do desenvolvimento.

Tratava-se não apenas de alcançar maior difusão de um serviço já existente, mas de uma questão de eqüidade e justiça.

Tratava-se principalmente de investir em comunicações para construir uma infra-estrutura forte, essencial para gerar as riquezas de que o País necessita, e muito, para ampliar sua atuação em todas as áreas, especialmente nas sociais.

Além de serem um dos setores mais atraentes para o investimento privado internacional, as comunicações lideram a nova onda de expansão econômica que se formou a partir da chamada Terceira Revolução Industrial.

Nossa preocupação sempre foi a de inserir o Brasil no grupo dos países que lideram o processo de integração da sociedade mundial através dos meios de comunicação, como uma exigência dessa “era da sociedade da informação” ou, como prefiro dizer, da “sociedade do conhecimento”, porque, às vezes, a informação não traz conhecimento, às vezes até atrapalha. O que é importante é que da informação se produza conhecimento.

Essa sociedade se caracteriza pelo acesso de todos à informação a qualquer hora, em todo lugar e de maneira fácil e econômica.

Até a metade dos anos 90, faltava ao Brasil uma organização institucional para o setor de telecomunicações que, ao mesmo tempo, promov-

vesse os investimentos privados, reforçasse o papel regulador do Estado e reservasse ao setor público a atuação em segmentos estratégicos do ponto de vista do interesse social ou do interesse nacional. Foi com esse modelo que criamos, com um amplo processo de privatização e com o fortalecimento do papel regulador do Estado por meio da Anatel. Os dois processos vieram em conjunto. Privatização, sem um órgão regulador, pode produzir grandes desencontros na sociedade. E um órgão regulador é essencial para que haja o atendimento do interesse do consumidor, do interesse do investidor e do interesse nacional, ao mesmo tempo.

A Anatel tem um papel fundamental, se quisermos entender o que é o mundo de hoje e como vamos realizar, daqui por diante, o processamento desses sistemas de telecomunicações.

Quero aproveitar a oportunidade para render, mais uma vez, homenagem ao Doutor Renato Guerreiro, recém-agraciado, que foi o homem que marcou, com sua ação, a presença da Anatel, juntamente com os demais Conselheiros, correspondendo, assim, aos anseios do Ministro Sérgio Motta, continuados pelo Ministro Pimenta da Veiga. Mas, sobretudo, aos meus próprios anseios, de ver, nessa organização nova do Brasil, da Anatel, um órgão respeitado, independente, mas afinado, ao mesmo tempo, com o interesse público, no sentido amplo: do consumidor, do investidor e do Governo, representando o País.

Com isso, o Brasil garantiu investimentos anuais da ordem de 10 bilhões de dólares em telecomunicações. Nós, agora, já perdemos até o hábito de nos espantar com o volume de dólar. Mas 10 bilhões de dólares são muito dinheiro. E 10 bilhões de dólares por ano, só num setor, são muitíssimo dinheiro. E é isso que está ocorrendo desde que iniciamos esse novo processo de modernização do nosso sistema de telecomunicações.

Isso viabilizou a importante e definitiva ampliação da rede que suporta as comunicações no País. E isso servirá de base para a nossa inserção na era digital.

Como consequência da reforma, o Brasil saltou de 14 milhões 400 mil telefones fixos em 1994 para quase 48 milhões em 2001 – 14 milhões para 48 milhões, num período de sete anos.

Quanto aos celulares, passamos de pouco mais de 1 milhão em 1995 para cerca de 28 milhões de aparelhos, que é mais ou menos o número atual.

O crescimento do número de usuários de Internet no Brasil deveu-se à maior oferta do número de linhas telefônicas. E, como eu disse que ontem fiz uma exposição no BNDES sobre a sociedade do conhecimento, me recordo de que um dos dados que foram projetados por mim, lá, mostra que só o número de servidores para a utilização da Internet, no Brasil, já alcançou 1.600. Isso, num período de quatro anos. É uma coisa, realmente, bastante significativa. Para não esquecer, também – porque eu olhei para o Ministro Pedro Parente – que houve um grande progresso no que se chama o e-government, quer dizer, a absorção, pelos órgãos do Governo, dos instrumentos modernos de comunicação, inclusive da Internet.

O dado mais significativo, que repito sempre, porque ele é impactante, e mais ainda neste ano, é que tivemos agora, recentemente, ao término do período em que as pessoas têm que entregar sua declaração de renda à Receita Federal, tivemos, primeiro, um avanço dos contribuintes – aumentaram 2,5 milhões, de um ano para o outro. Estamos com cerca de 15 milhões de contribuintes. Agora, destes, 95% enviam os seus questionários pela Internet. É um dado muito significativo porque mostra, primeiro, que há computadores à disposição e computadores ligados à Internet. Segundo, que é um hábito de assim fazê-lo. Embora não se possa dizer que os 14 milhões tenham pessoalmente feito, certamente outros fizeram, mas, de qualquer maneira, somam-se ao número de pessoas que estão utilizando esse meio moderno para prestar contas.

E não é o único serviço de Governo utilizado pela Internet. Nós, hoje, reduzimos drasticamente a burocracia. Os Senhores Ministros, hoje, não têm mais aquele prazer tão extraordinário de, no fim do dia, ter que assinar uma porção de papéis porque aquilo é feito, hoje, por esse sistema eletrônico. O único que não é beneficiado por esse sistema é o Presidente da República, não sei bem a razão, mas parece que a minha assinatura tem que ser à moda antiga. Então, no fim do dia, tenho

esse prazer enorme, quando estou descansado, de assinar pilhas de documentos que envio ao Congresso, em geral, em quantidade enorme.

Num futuro próximo, isso vai ser feito também por via eletrônica, visto que o nosso Congresso foi pioneiro na utilização desses métodos e modernizou extraordinariamente os seus serviços e o acesso da população aos serviços que o Legislativo presta.

Convém também dizer que graças a tudo isso – e repito sempre, porque é importante – temos, hoje, no Brasil, um dos mecanismos ou um dos sistemas de transparência mais eficazes do mundo para o controle das contas públicas.

O Ministro do Planejamento, que está aqui, é um dos que participam desse processo. E, quando o Ministro Malan dá uma ordem, ele vai lá e diz que tem que primeiro ver se pode ou não pode. E todo o Brasil fica sabendo, imediatamente, porque se sabe imediatamente qualquer gasto feito no País. Qualquer gasto, por menor que seja. E o Tribunal de Contas – vejo, aqui, o nosso Presidente do Tribunal de Contas já assentindo com a cabeça – também tem esse sistema. Então, somos ultracontrolados. É tudo transparente. E isso poucos países têm, nesse nível. Recebemos até um elogio público de organismos internacionais em função do grau de transparência. Tudo isso só foi possível porque houve um avanço no sistema de telecomunicações, porque houve um avanço na digitalização. Enfim, estamos, realmente, começando a participar dessa chamada sociedade do conhecimento.

Agora, temos esse desafio que é o da universalização dos serviços de telecomunicações, porque, como eu disse no início, o fundamental em todo esse processo é o acesso desses mecanismos ao grosso da população, porque isso traz informação e democracia. Permite que a pessoa se informe e, portanto, delibere, escolha, participe e pressione. Isso faz parte, portanto, de um esforço não apenas técnico, em termos de sistemas digitalizados e acesso à Internet, mas faz parte da democracia moderna. Sem isso, seria impossível, efetivamente, dar as informações necessárias. E nós precisamos, naturalmente, universalizar o atendimento dos serviços essenciais.

Buscamos soluções alternativas de acesso coletivo ou compartilhado aos serviços de telecomunicações e à Internet e projetos que promovam a cidadania e a inclusão social.

Com a instituição do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações, o Fust, a parcela da população brasileira que não era alcançada pelas metas contratadas com as empresas operadoras de telefonia poderá ver atendidas suas demandas por serviços de telecomunicações.

O Fust é um instrumento importante na preparação da nossa sociedade para a era digital. Isso porque o simples acesso ao serviço telefônico, essencial no passado, significa agora o acesso também à Internet.

Esse Fundo arrecadou mais de 1 bilhão de reais no ano de 2001 e o mesmo montante é esperado para o ano de 2002. Infelizmente, uma parte desses recursos continua retida – eu digo “infelizmente”. Os homens da área econômica talvez não se sintam tão infelizes assim, mas, como são cidadãos, se sentem, porque poderíamos já ter avançado mais na implementação desse programa, não fossem algumas questões de natureza político-burocrática que atrapalharam. Mas, de qualquer maneira, vamos ter acesso.

Esses recursos financeiros vão levar as telecomunicações a mais de 13 milhões de alunos, em mais de 7 mil escolas públicas. Quer dizer, estamos montando um sistema para acabar com o chamado gap digital.

Serão destinados também esses mesmos recursos à saúde e à segurança, dando prioridade ao atendimento aos portadores de necessidades especiais, às famílias carentes, aos proprietários rurais isolados, às bibliotecas públicas, nas regiões remotas e nas fronteiras.

Também de grande importância é outro fundo, chamado Funtel, Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações. Ele já proporciona recursos para que, através das instituições de pesquisa, de empresas privadas e de agentes financeiros, o Brasil possa continuar a estimular o processo de inovação tecnológica.

Não é o único fundo. Está aqui o Ministro da Ciência e Tecnologia, que ajudou a criar, com o apoio do Congresso, 14 fundos, que darão recursos, daqui por diante, para que a ciência e a tecnologia tenham

acesso mais rápido a recursos e para que possam, realmente, servir de esteio, de base à participação do Brasil nessa nova mentalidade que há no mundo.

Isso tudo é fundamental para incentivar a capacitação de recursos humanos, gerar empregos e promover o acesso de todos, inclusive das pequenas e médias empresas, a recursos de capital, a fim de ampliar a competitividade da indústria brasileira de telecomunicações, até porque esses fundos são abertos. Eles não são só para universidades, são para empresas, não só para grandes, mas para pequenas e médias também.

Na verdade, num mundo globalizado, se quisermos ter ganhos de competitividade, temos que ter ganhos de inovação tecnológica, temos que participar ativamente desse processo.

Já temos, hoje, exemplos de produtos que são voltados para aplicações de mercado em abundância, aqui no Brasil. É o caso de cartões para telefones públicos, de centrais digitais de comutação e de antenas de comunicação por satélite.

Todos esses avanços alcançados no setor de telecomunicações permitiram ao Brasil ter a quinta maior rede de telefonia fixa no mundo. Estamos atrás apenas da China, dos Estados Unidos, da Alemanha e do Japão. Nós já temos a quinta maior rede no mundo, graças a esse esforço grande. E repito: isso tudo é uma questão de muito poucos anos. É um salto tecnológico e um salto de absorção por parte da sociedade e de criatividade na sociedade que se deu num período muito curto de tempo.

Com relação à telefonia móvel, o Brasil está na sexta posição mundial. Num país da extensão do Brasil, a telefonia móvel resolve imensamente uma série de problemas. Demos um salto muito grande. É só olhar as estatísticas de dez anos atrás: a produção do Brasil, em termos de comunicação, era de uma pobreza enorme, porque, com uma população imensa e dispersa no espaço geográfico, era muito pequena a parte da população que tinha acesso a esses sistemas. E, hoje, com essa moderna tecnologia, foi possível dar esse salto.

Por isso, nesta semana em que se comemora o Dia Nacional das Comunicações e o nascimento de Marechal Rondon, que é o Patrono das

Comunicações, que foi o homem que estendeu linhas telegráficas pelo Brasil afora, reafirme minha convicção de que estamos no rumo certo.

O fato de que tenhamos conseguido dar esse salto tão grande nas telecomunicações é um exemplo muito claro de que temos que perseverar, temos que nunca desaninar e manter a nossa capacidade de avançar, resolvendo dificuldades, conciliando interesses e dando sempre espaço à criatividade.

Por todas essas razões, com os senhores que estão aqui, hoje, homenageados – eu me senti até acanhado de ter que colocar uma medalha na cúpula da República, hoje, inteira (o Judiciário, o Senado e a Câmara); faltou em mim, mas, enfim, eu recebi por intermédio dos Ministros que aqui receberam essa homenagem –, vejo, realmente, o significado desta medalha. Significado para os que recebem a comenda, mas significado em conjunto para o Brasil, porque isso mostra quanta gente esteve realmente presente nesse esforço, que é feito diretamente pelo Ministério das Comunicações. Agradeço, aqui, a ação do Ministro Juarez Quadros e dos Ministros que o antecederam, ao pessoal técnico desse Ministério, que tem sido de uma capacidade extraordinária e uma dedicação exemplar, e também a compreensão do Congresso Nacional, porque não foi fácil aprovar tantas leis em tão pouco tempo e tomar decisões tão difíceis que tiveram como resultado o que estamos vendo aqui, nesta tarde.

Já falei demais. Mas falei com entusiasmo, porque o que vocês vêm fazendo nessa área é realmente de emocionar.

Muito obrigado.